



AGROECOLOGIA E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA CACTUS, SENHOR DO BONFIM-BA

AGROECOLOGY AND NON-FORMAL EDUCATION SPACES: AN INTERNSHIP EXPERIENCE AT CACTUS, SENHOR DO BONFIM-BA

Cleiton Henrique da Silva Almeida – Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB). Licenciado em Ciências Agrárias (IFBAIANO). E-mail: hcleiton5@gmail.com;

Rosângela Caires Viana – Mestrado em Educação de Jovens e Adultos (UNEB). Licenciada em Pedagogia (UFBA). E-mail: rosangela.viana@ifbaiano.edu.br.

RESUMO

O presente trabalho aborda as experiências de um estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, do IF Baiano – *Campus* Senhor do Bonfim, voltado para a prática profissional em espaços não formais de educação. Compreendendo a atividade de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) a partir de um caráter educativo, problematizou-se o desenvolvimento de produções agroecológicas frente aos espaços não formais de educação e a extensão rural, tendo em vista que nestes espaços é possível construir mecanismos educativos que contribuam para o desenvolvimento local dentro de uma perspectiva sustentável. O estágio foi realizado na associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS, localizada em Senhor do Bonfim – BA, e teve por objetivo a compreensão dos desafios e impactos da função social dos espaços não formais de educação no desenvolvimento de produções agroecológicas a partir da atuação da CACTUS em comunidades rurais de Filadélfia e Caldeirão Grande, na Bahia. A vivência do estágio pautou-se em compreender esta dinâmica a partir de visitas técnicas e roda de conversa com os agricultores atendidos pela CACTUS. A partir destas experiências, foi possível compreender como as práticas educativas estão imbuídas no cotidiano da extensão rural e quais são os desafios e impactos encontrados em meio as perspectivas de produções agroecológicas. A vivência em espaços não formais de educação provocam o licenciando a refletir sobre a importância da prática profissional nestes espaços para o contato com outros saberes.

Palavras-chave: Agroecologia; Educação não formal; Estágio Supervisionado; Extensão Rural.

ABSTRACT

This paper addresses the experiences of a supervised internship in the Agricultural Sciences degree course at IF Baiano – Senhor do Bonfim Campus, focused on professional practice in non-formal educational spaces. Understanding the activity of Technical Assistance and Rural Extension (ATER) from an educational perspective, the development of agroecological productions in non-formal educational spaces and rural extension was problematized, considering that in these spaces it is possible to build educational mechanisms that contribute to local development within a sustainable perspective. The internship was carried out at the Technical Assistance and Advisory Association for Rural Workers and Popular Movements - CACTUS, located in Senhor do Bonfim – BA, and aimed to understand the challenges and impacts of the social function of non-formal educational spaces in the development of agroecological productions based on the work of CACTUS in rural communities of Filadélfia and Caldeirão Grande, in Bahia. The internship experience was based on understanding this dynamic through technical visits and conversations with farmers served by CACTUS. From these experiences, it was possible to understand how educational practices are embedded in the daily routine of rural extension and what are the challenges and impacts encountered amid the perspectives of agroecological production. The experience in non-formal educational spaces encourages the undergraduate to reflect on the importance of professional practice in these spaces for contact with other knowledge.

Keywords: Agroecology; Non-formal Education; Rural Extension; Supervised Internship.



Trilhas está licenciada sob a licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.



INTRODUÇÃO

A crescente preocupação com a sustentabilidade ambiental e a segurança alimentar tem impulsionado a busca por práticas agrícolas mais responsáveis e integradas ao meio ambiente. A agroecologia se apresenta como uma alternativa viável, proporcionando sistemas de produção que respeitam a biodiversidade, cuidados com o uso de insumos químicos e derivados. Para a vivência do estágio buscou-se ancorar-se na agroecologia para discuti-la como ferramenta e característica em produções familiares, e de como isto ocorre nos moldes da educação não formal.

Diante disso, o estágio supervisionado III, que tem como objetivo proporcionar ao licenciando em Ciências Agrárias a vivência em espaços de educação não formal, foi realizado na Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS, localizada em Senhor do Bonfim - BA. A instituição presta serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) a produtores por meio de projetos governamentais que fomentam atividades ligadas a agricultura familiar e a agroecologia. Os sujeitos que compõem os grupos produtivos atendidos por estes projetos são provocados, por meio das atividades dos projetos desenvolvidos, a estarem discutindo as perspectivas sustentáveis de suas produções, razão pela qual a agroecologia foi tomada como eixo principal a ser consorciado com o processo educativo que o estágio em espaço não formal de educação propõe.

A educação desempenha um papel crucial na transformação de paradigmas. Ao integrar conceitos de agroecologia nas práticas educativas, é possível contribuir para que as novas gerações de agricultores e cidadãos se mantenham conscientes, promovendo a valorização do conhecimento tradicional e científico. A educação agroecológica incentiva a formação de uma cultura de respeito ao meio ambiente e à saúde humana, além de estimular a autonomia dos sujeitos frente as possibilidades de consumo e comercialização.

A educação não formal pode desempenhar um papel fundamental como suporte à produção agroecológica, oferecendo alternativas de aprendizagem que são flexíveis, acessíveis e adaptadas à realidade dos sujeitos. Para refletirmos sobre tal possibilidade, devemos nos empenhar em considerar quão vastos são os espaços não formais de educação no meio rural. Temos associações, cooperativas, grupos produtivos, comunidades organizadas, sindicatos. Todos esses espaços reúnem coletivos que estão sempre trazendo em seus anseios pautas comuns a todos os envolvidos, sobretudo no que tange o aprimoramento e viabilidade das produções, as quais denotam geralmente de uma perspectiva agroecológica, e estão sempre abertas a conhecer mais sobre práticas sustentáveis.

A educação não formal entra neste contexto como forma de sistematizar estas situações, onde os coletivos, de maneira organizada, se colocam a disposição para abraçar as possibilidades de melhora e viabilidade das produções. Isto requer uma ação previamente planejada pelos envolvidos, e tal planejamento serve para que todas as demandas sejam identificadas e assim, possam ser refletidas por meio de uma discussão mais ampla. Para tanto, cabe destacar que o processo educativo deve ainda considerar as especificidades dos coletivos a serem atendidos, levando em conta o que buscam, a partir de suas condições socioeconômicas, culturais e limitações ambientais.

Partindo das experiências vivenciadas neste estágio, este trabalho busca relatar



como os espaços não formais de educação se fazem importantes para as perspectivas de produção agroecológica, de modo a considerar como a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) configura-se como uma atividade educativa não formal. O que norteou a realização do estágio neste espaço e com esta temática foi a busca pela função social e os desafios dos espaços não formais de educação no desenvolvimento de produções agroecológicas a partir do trabalho de ATER desenvolvido pela Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS, que executa projetos de ATER no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI), e é sediada em Senhor do Bonfim-BA.

A partir disto, tomou-se como objetivo geral a compreensão dos desafios e impactos da função social dos espaços não formais de educação no desenvolvimento de produções agroecológicas a partir da atuação da CACTUS em comunidades rurais de Filadélfia e Caldeirão Grande, na Bahia. A partir desta objetivação central, buscou-se identificar quais os desafios educativos frente a produção agroecológica das comunidades assistidas pela CACTUS; demonstrar aos produtores quais práticas produtivas fortalecem os sistemas de produção sustentáveis; e analisar a importância da educação não formal para a produção agroecológica proveniente de produtores familiares.

Para contemplar tais propostas, buscou-se desenvolver o estágio em diferentes etapas, iniciando pela observação, identificação de características produtivas das comunidades e produtores atendidos e realização de visitas técnicas, onde atividades coletivas foram realizadas, tais como roda de conversa e demonstrações práticas. Os sujeitos participantes eram produtores de comunidades rurais, que tinham a agricultura familiar como característica em comum.

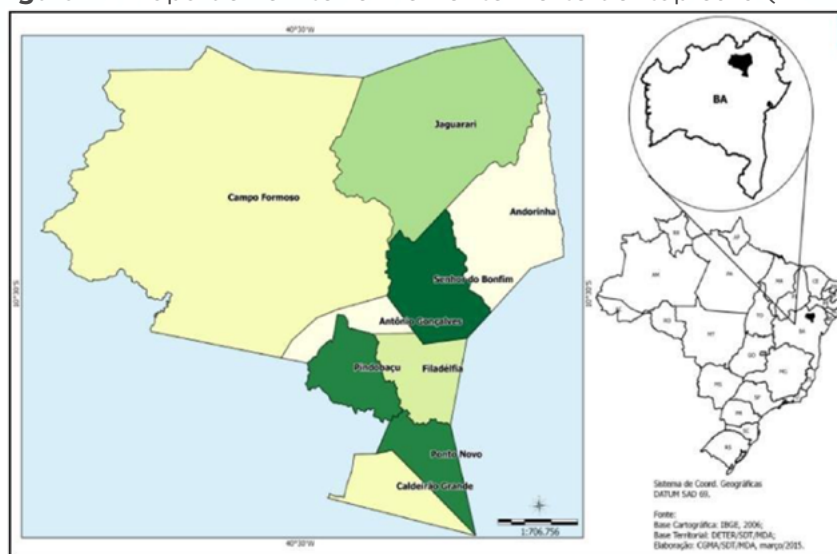
Partindo destes fatores, o trabalho ancorou-se no universo da educação não formal vivenciado a partir da ATER e da agroecologia. Esses três pilares constituem um grande leque de possibilidades investigativas e abertas ao diálogo construtivo, tendo em vista a diversidade de experiências que contribuem para uma formação docente proveitosa no âmbito das Ciências Agrárias, pautada na troca e construção mútua dos saberes e da importância destes para a manutenção da vida campesina, como a literatura evidencia.

METODOLOGIA

O estágio foi realizado na Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares - CACTUS, que foi fundada em 1998 em Senhor do Bonfim-BA, com a missão de servir como ferramenta aos trabalhadores/as rurais, movimentos sociais e suas organizações. A instituição é composta por sócios de diferentes áreas, incluindo técnicos agrícolas, agrônomos, zootecnistas, educadores populares e profissionais da área de saúde, dentre outros. Tem como missão desenvolver atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) junto aos agricultores familiares e comunidades tradicionais, para compartilhar saberes e experiência da ciência, da técnica e pedagogia do povo, em parceria e integração com agricultores e agricultoras, entidades afins, movimentos sociais, associações, cooperativas, sindicatos, pastorais e grupos organizados, buscando formar e despertar a esperança em construir uma sociedade mais justa e ecologicamente correta, tendo como princípio a convivência com o semiárido.

A entidade mantém-se financeiramente a partir da captação de recursos a nível estadual e federal, por meio de políticas públicas que fomentam ATER para agricultores familiares, tendo atuação em todo território do Piemonte Norte do Itapicuru (Figura 1) e atendendo também a cidades dos territórios Piemonte da Diamantina e Sisal. Os projetos de ATER são políticas públicas voltadas para a promoção de segurança alimentar e nutricional, segurança hídrica, agroindustrialização e comercialização dos produtos, inclusão de povos e comunidades tradicionais, entre outros objetivos, os quais têm a agroecologia como princípio.

Figura 1 - Mapa do Território Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI).



Fonte: Imagens Google, 2024.

O projeto foi de cunho qualitativo, por meio de uma pesquisa-ação, esta que contribui para um trabalho mais participativo e propõe uma autorreflexão coletiva, e segundo Thiollent (2011) é

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011).

Tal método contribuiu para alcançar os objetivos de forma mais dinâmica, pois permitiu maior envolvimento com os sujeitos, os quais são agricultores familiares atendidos pela CACTUS. A pesquisa-ação foi importante para o desenvolvimento das atividades tendo em vista seu caráter ampliado que permite uma experiência investigativa ao tempo que propõe uma intervenção a partir disso, portanto, foi importante para vivenciar o estágio de forma mais dinâmica.

O trabalho foi desenvolvido através de encontros com os agricultores familiares atendidos pela CACTUS, sobretudo os pertencentes às comunidades de Aguadas (em Filadélfia-BA), e Castelo e Santo Antonio (em Caldeirão Grande-BA) - Figura 1. A intervenção foi realizada sobretudo por meio de visitas técnicas e roda de conversa. As



visitas técnicas compreendem uma ação extensionista que visa a troca e compartilhamento de saberes entre o técnico(a) e os agricultores, de modo que sempre há algo novo a ser discutido e construído por meio de métodos como a roda de conversa, além de outras atividades também coletivas, que possibilitam uma maior interação entre a comunidade na qual o agricultor faz parte. Segundo Moura e Lima (2014).

A Roda de Conversa é, dentro da pesquisa narrativa, uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos e ainda no silêncio observador e reflexivo (Moura e Lima, 2014, p. 2).

Ademais, a roda de conversa possibilita maior contato com os sujeitos, proporcionando maior interação dos mesmos com a temática do projeto, e assim, contribuindo para resultados mais concretos. As visitas técnicas e demais situações que proporcionam contato com os grupos produtivos serviram para identificar como a roda de conversa pôde contemplar a ideia de promover uma discussão que envolvesse a temática da agroecologia. Para tanto, buscou-se conhecer mais sobre a dinâmica produtiva dos sujeitos participantes, bem como esta contribui para o desenvolvimento regional, sobretudo considerando os aspectos agroecológicos e, ainda, como isto molda os profissionais de ATER.

Para a análise dos resultados, a partir das experiências vivenciadas no estágio, foi feita uma análise interpretativa para compreender quais são os desafios e impactos da função social dos espaços não formais de educação no desenvolvimento de produções agroecológicas, a partir dos contatos e intervenções que acontecem junto as (às) visitas técnicas, sendo analisada também a importância da educação não formal para a produção agroecológica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio possui uma etapa inicial voltada a observação, na qual o licenciando foca em identificar as principais características da entidade e de suas atuações. Após essa fase o trabalho se volta para a vivência prática, que contempla os caminhos metodológicos planejados, que neste caso se voltaram para as visitas técnicas e a roda de conversa, importantes para o alcance dos objetivos propostos. A observação iniciou em setembro de 2024 e a vivência prática se estendeu até novembro do mesmo ano.

A vivência do estágio em espaço não formal de educação proporciona experiências enriquecedoras ao licenciando em Ciências Agrárias, tendo em vista o leque de oportunidades que surgem no decorrer desta prática profissional, possibilitando boas oportunidades de aplicação dos conhecimentos técnicos associados as (às) práticas educativas construídas ao longo do curso pelas disciplinas pedagógicas.

As visitas técnicas também constituem um caráter extensionista, visto que é através delas que os conhecimentos técnicos dos profissionais da área rural (agrônomos, técnicos



em agropecuária, zootecnistas, etc) são compartilhados. Essa transmissão, que também permite um espaço de troca, evidencia um aspecto educativo imbuído nestas atividades profissionais. Notadamente os espaços onde essas relações ocorrem não são escolares, caracterizando assim o que chamamos aqui de educação não formal.

Durante as visitas técnicas em Aguadas, no município de Filadélfia-BA, foi identificado que os produtores, embora carreguem em suas práticas um viés agroecológico na produção, possuem dificuldade em sistematizar as informações frente a isto. A atuação profissional neste caso, portanto, voltou-se para o diálogo em prol da organização das informações referentes as perspectivas de produção agroecológica. É neste contexto que a visita técnica veste seu caráter extensionista e, através de uma finalidade educativa, passa a ser um momento de diálogo entre o profissional e o produtor, para que haja um desbravamento de saberes acerca de algo, neste caso, das práticas agroecológicas presentes na propriedade e no imaginário dos agricultores. O desafio encontrado neste contexto é de justamente construir uma atmosfera educativa, para que haja uma abordagem efetiva sobre a consolidação das práticas agroecológicas na produção, estas que compreendem desde seleção de sementes até os tratos culturais que são necessários até a colheita. Os agricultores de Aguadas simpatizam com os ideais sustentáveis trazidos pela agroecologia, isto facilitou a construção de um diálogo positivo, entretanto, notou-se que diante da falta de aproximação dos agricultores a este contexto educativo, seria necessária uma construção mais ampliada de como algumas informações e conhecimentos poderiam ser abordados, sobretudo por considerar que os agricultores compoem um grupo que historicamente foram excluídos dos espaços educativos, especialmente os formais.

Esta construção dialógica com os agricultores é importante para que algumas atividades sejam desenvolvidas com mais praticidade. Nas visitas técnicas realizadas em Castelo, município de Caldeirão Grande, foi identificado uma maior familiaridade dos produtores com a prática extensionista e com as perspectivas agroecológicas na produção. A comunidade desenvolve as práticas agrícolas com foco em subsistência e comercialização, sobretudo de excedentes, além de trabalhar com o extrativismo do licuri. As produções se concentram no cultivo de culturas anuais, a exemplo do milho e feijão, culturas perenes, como frutíferas, e culturas hortícolas.

As práticas agroecológicas se apresentam à medida que os diálogos vão se aprofundando, são identificadas nos aspectos que vão constituindo os perfis produtivos de cada família. Como exemplo destas práticas podemos citar os bancos de sementes crioulas – sementes sem modificação genética, sem produtos químicos e selecionadas ano a ano por pequenos produtores –, o plantio integrado das culturas, o uso de restos culturais na alimentação dos animais, as trocas de saberes com a própria comunidade, entre outros aspectos. Identificar as características das produções por meio das visitas técnicas e seu viés extensionista é fundamental para planejamento de ações educativas nesses espaços não formais, estas que tanto podem contribuir para fortalecer as produções agroecológicas e promover o desenvolvimento local numa perspectiva sustentável.



Figura 2 – Banco de sementes crioulas em Castelo, Caldeirão Grande-BA.



Fonte: Autor, 2024.

Na roda de conversa realizada em Castelo foi possível vivenciar uma atmosfera educativa enriquecedora para o estágio. Dentro de uma perspectiva agroecológica discutiu-se os aspectos produtivos da comunidade, destacando as formas já existentes de produção e de como estas poderiam ser otimizadas. Como a criação de pequenos animais, como aves, faz parte do cotidiano produtivo das famílias, a roda de conversa que fora planejada durante o estágio voltou-se para a integração da produção agrícola e a alimentação animal, então discutimos e realizamos uma demonstração prática de milho hidropônico, o qual pode contribuir para diminuir os custos com alimentação das aves. O milho hidropônico envolve uma técnica de cultivo sem o uso de solo, utilizando substrato vegetal seco, para a fixação das plantas e armazenamento temporário da água usada para irrigação, o sistema hidropônico funciona tendo uma lona como base, para comportar o substrato e a água usada na irrigação.

A roda de conversa se mostrou positiva para os produtores, que atentos, estiveram contemplando este momento educativo que visou contribuir para no aprimoramento de suas produções. O contato com estes sujeitos de forma coletiva corrobora para uma maior integração social da comunidade, pois há sempre algo a mais no contexto dos saberes a ser compartilhado, e é em momentos como esta roda de conversa que isso é propiciado.

Figura 3 – Roda de conversa em Castelo, Caldeirão Grande-BA.



Fonte: Autor, 2024.

Figura 4 – Demonstração de milho hidropônico em Castelo, Caldeirão Grande-BA.



Fonte: Autor, 2024.

Assim como em Castelo, em Santo Antonio, também no município de Caldeirão Grande, foi realizada uma atividade educativa que visou fortalecer a produção agroecológica de base familiar. A comunidade de Santo Antonio, assim como Castelo, dispõe de um modelo produtivo voltado as (às) culturas anuais e perenes, entretanto, os agricultores estão buscando investir também na horticultura. Para contribuir com esta demanda, durante uma visita técnica a uma das famílias foi realizada a revitalização de um viveiro de produção. Na oportunidade, foi discutido junto a outros produtores a importância da horticultura como prática comercial e de subsistência na agricultura familiar, além de destacar como está em crescimento a busca por produtos agroecológicos, o que incentiva os produtores a buscarem alternativas mais sustentáveis na produção.

Figura 4 – Revitalização de viveiro para horticultura em Santo Antonio, Caldeirão Grande-BA.



Fonte: Autor, 2024.

Estar com os pés nestes espaços não formais em busca dos diálogos voltados a produção agroecológica exigiu uma compreensão prática do que Paulo Freire traz como reflexão acerca do papel extensionista que o profissional deve desempenhar nos espaços não formais de educação, este que deve ser um papel aberto a troca de saberes e a construção destes de forma contínua. Portanto, corroborando também com os princípios da agroecologia, o papel educativo da extensão rural deve ser pensado, para além da transmissão de conhecimentos,



como um mecanismo de transformação social, tendo em vista que a promoção de avanços nas produções encontradas no meio rural também deve ter por finalidade a otimização dos aspectos socioeconômicos e socioeducacionais dos sujeitos acessados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência deste estágio foi de suma importância para a compreensão da função social dos espaços não formais de educação para o desenvolvimento de produções agroecológicas. Os desafios encontrados no contexto da otimização das produções agroecológicas se voltam para a ideia de que é preciso construir previamente metodologias contextualizadas a cada comunidade e cada sujeito a ser impactado pela ação extensionista. Todavia, as experiências aqui compartilhadas foram positivas dentro do que se estabeleceu como proposta de intervenção, a partir das perspectivas que foram sistematizadas tendo como base os autores referenciados.

Os objetivos traçados foram sendo alcançados seguindo essa permeabilidade previamente proposta. Importante destacar que o licenciando que se propõe a vivenciar estes espaços educativos deve estar apto não só quanto aos conhecimentos técnicos de sua área, mas também aos conhecimentos cotidianamente tidos como informais, pois são estes que dentro de uma lógica de planejamento e outras formalidades, irão alicerçar sua atuação profissional e fazendo com que esta seja o mais humanizada possível.

Ademais, cabe destacar que é necessária uma maior aproximação da academia a estes espaços não formais de educação, visto que cada vez mais nos deparamos com o fato de que são nesses espaços que construímos valores profissionais que realmente nos tornam seres atuantes. Os sujeitos contactados durante o estágio propiciaram a reflexão de que suas produções não são sustentáveis em dada medida somente do ponto de vista alimentar ou ecológico, por exemplo, pois dispõe (dispõem?) de saberes que podem ser desfrutados em diversas áreas do conhecimento, que também podem, de forma direta ou não, contribuir com as Ciências Agrárias.

AGRADECIMENTOS

À Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares – CACTUS, pela oportunidade de realização do estágio.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Renato Linhares de. Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas. Campinas: 2002. Disponível em: < <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/230503> >

CAPORAL, Francisco Roberto. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: 2009. Disponível em:



< http://www.cpatas.embrapa.br:8080/public_eletronica/downloads/OPB2442.pdf >

CARDOSO et al.. Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica. Recife: Fida, 2019.
Disponível em: < https://www.portalsdr.ba.gov.br/_portal/anexos/anexo_formater/Guia-de-uso.pdf >

CARMO, M. S. do; COMITRE, V.; BORSATTO, R. S.; MOREIRA, R. M.; STAMATO, B. O diálogo necessário entre extensão rural e Agroecologia. Retratos de Assentamentos, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 269-290, 2015. Disponível em: <<https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/190>>.

FERREIRA, D. N. C.; MARINHO, C. M.; SILVA, A. F.; VIEIRA, M. C. A. A utilização da caderneta agroecológica por mulheres de comunidades rurais no projeto Pró-Semiárido, Bahia. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 331-345, 2023. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/62077>>.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. 2014. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>>

Pró-Semiárido. CAR-BA. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido>

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Recebido em: 21 dez 2024

Aprovado em: 21/03/2026

Publicado em: 06 de jul 2026